

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: AlcidaClass.: 291Data: 21 de abril de 1985

Pg.: \_\_\_\_\_



O txucarramãe Megaron tem grande ascendência sobre a comunidade indígena; agora quer testar sua popularidade junto aos eleitores

## Na trilha de Juruna, mais quatro índios vão se candidatar em 86

BRASÍLIA — Pelo menos quatro índios — da chamada nova geração — vão se candidatar nas próximas eleições. O terena Davi disputa uma cadeira na Assembleia Legislativa de Mato Grosso e o txucarramãe Megaron, o karajá Idjarruri e o terena Marcos são candidatos à Câmara dos Deputados pelo PMDB, cada um por um Estado diferente: Rio, Goiás e São Paulo, respectivamente.

Os objetivos são ocupar espaço político para defender os direitos dos índios e terminar os conflitos com os brancos. Seria uma simples ambição política? Não, respondem: eles e os estudiosos da questão indígena. A intenção é garantir às comunidades indígenas, através do Poder Legislativo, novo e mais amplo campo de luta.

O cacique-Deputado Mário Juruna (PDT-RJ) — o primeiro índio, eleito nessa condição, a ocupar uma cadeira no Congresso Nacional — seria o grande exemplo desses futuros candidatos? Não é bem assim, dizem os índios. Eles reconhecem o papel importantíssimo que Juruna teve ao abrir espaço dentro do Congresso para a discussão de suas causas.

— Só a presença física do Juruna faz com que os outros parlamentares lembrem-se todo o tempo do problema indígena e de que tem de ser encontrada uma forma de solucioná-lo — comenta o Antropólogo Olímpio Serra. Ele considera fundamental que o próprio índio esteja no Legislativo lutando pela sua causa e defende a presença deles também no Judiciário.

Mas os candidatos preferem não colocar Mário Juruna como espelho de seus futuros passos. Acham que o Cacique deixou a causa de lado ao negar a etnia dos pataxós e defender os fazendeiros da Bahia, no ano passado. E é uma branca quem explica essa reação de Juruna: “A

política partidária é tão complicada que ele às vezes não consegue entender o que está ocorrendo” — diz a Professora e Antropóloga Alcida Ramos.

Essa e outras reações do Deputado Mário Juruna, acredita o Secretário-Geral do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Antônio Brandt, levaram os índios a um começo de decepção relativamente a Juruna.

O assessor da Funai Marcos Terena explica, ainda, que o índio jamais terá um líder único. Ele pode ter líderes para determinados assuntos mas não um líder nacional.

O Cimi exemplifica bem a não existência liderança nacional ao citar os diversos líderes que surgiram quando da primeira assembleia nacional dos chefes indígenas, promovida pelos missionários em abril de 74, em Diamantina (MT). A partir dessa assembleia outras se realizaram, permitindo o aparecimento do próprio Juruna.

As assembleias foram responsáveis pela descoberta dos índios de que enfrentavam problemas semelhantes, mesmo estando em lugares totalmente diferentes. E mais: eles perceberam que o principal problema, comum a todos, era o da invasão de suas terras.

Os missionários — segundo conta o próprio Cimi — foram os primeiros a começar o trabalho de conscientização dos índios. Mas os índios só perceberam que tinham de começar a reclamar contra a invasão de suas terras — ocorrida devido ao processo desenvolvimentista brasileiro — quando estiveram juntos pela primeira vez.

— O processo de exploração do índio não é moderno — comenta a Professora Alcida Ramos. — Ele só se acirrou mais recentemente por causa do processo de

expansão do País.

Alcida explica ainda que “enquanto os índios tinham para onde ir, os conflitos eram menores”.

A terra é a grande questão indígena — concordam os antropólogos, acentuando que é por ela que os índios se rebelam.

O processo de conscientização e até mesmo de luta em defesa do índio vem aliado a um ator político: não podendo se expressar em defesa de outras causas, nos anos de repressão, vários grupos passaram a apoiar a causa indígena como forma de protesto.

A própria imprensa, segundo Olímpio Serra, percebeu que poderia se expressar dando apoio aos índios e, além disso, que seria atropelada pelos fatos se não noticiasse os acontecimentos.

— A divulgação dos fatos acabou também ajudando na conscientização indígena, que passou até a usar o folclore que se criou de que o índio matava, fazia guerra em favor de sua causa — completa Serra.

Não se pode esquecer a matança pelos gorotirés de 20 empregados da fazenda Espadilha e dos 11 peões da fazenda São Luís, no Parque Xingu, pelo hoje conhecido cacique txucarramãe Raoni. O Cimi justifica: foram tantos os índios mortos e tiveram tanto de seus direitos desrespeitados que começaram com o conflito armado.

— Os canais de negociação não se esgotaram porque nunca existiram — afirma a Professora Alcida Ramos, — que é apoiada por Antônio Brandt, para quem as tentativas de negociação foram frustradas, fazendo com que os índios se rebelassem.

Todos os analistas fazem, individualmente, um comentário em comum: o processo de organização indígena no Brasil ainda está muito atrasado.